Notável escritor e primeiro presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, **Casa Grande de Romarigães** é um dos seus grandes livros. Um seu confrade e amigo aqui escreve sobre

Aquilino, o rasgo de génio

José Cardoso Pires

Desenho de Artur Bual

1. Cinco anos antes de ter sido descoberto **Il Gattopardo** do siciliano Lampedusa publicava-se em Portugal esta **Casa Grande de Romarigães** que hoje é reconhecida como uma das obras-primas da novelística ibérica contemporânea. O seu autor era então um patriarca das letras que tinha vindo, sessenta anos atrás, das montanhas onde nascera o antiquíssimo pastor Viriato, inimigo dos romanos e precursor da nacionalidade portuguesa. Aquilino Ribeiro, aldeão rebelde, descera à cidade e percorrera muitos caminhos do seu tempo até à emigração de escritor: miséria rural e internatos religiosos, prisões, exílios políticos, na contestação à ditadura portuguesa de Salazar. Em Paris foi aluno de Bergson e viu Bleriot sobrevoando o Arco do Triunfo como um anjo anunciador do século da idade planetária; com os mesmos olhos comovidos assistiria, meio século depois à chegada dos primeiros homens à lua. «A perfeição materializada numa obra humana, num livro, numa estátua ou numa sinfonia é uma hipérbole celeste», escreveria ele muito mais tarde com a serenidade de quem redige o seu testamento antes da viagem final.

2. A «crónica romanceada» de Aquilino Ribeiro antecede a «cronaca di una decadenza» de Tomazi di Lampedusa mas o importante é que, embora desconhecidas uma da outra, as duas obras representam duas visões complementares da ascensão e queda da Pax Ruris, dois frescos sentimentais da tragédia da Ordem e da Posse da terra. Enquanto que em **Il Gattopardo** o que está em causa é a derrocada do principado feudal face à unificação da burguesia, em **A Casa Grande de Romarigães** é a própria burguesia nascente que se destroi a si mesma quando isolada e sem referências políticas e culturais. Dum lado o fatalismo duma aristocracia que contempla a sua agonia com mórbida lucidez, do outro o individualismo cego duma classe provinciana que só tem a conduzi-la o instinto de posse e as alianças domésticas. Num e noutro a Igreja do príncipe e do aldeão repartida como garantia da propriedade e do direito rural: em Lampedusa pela palavra de bispos e de cardeais, em Aquilino Ribeiro pela prudência submissa do cura de aldeia.

Mas é na poderosa capacidade de revelar o instinto camponês com todas as superstições e com todos os subterfúgios associados à obcessão de propriedade que Aquilino Ribeiro se mostra único e surpreendente. É isso que nos deslumbra logo às primeiras páginas do romance — essa adesão carnal com que ele descreve a natureza e o homem e o barroquismo irónico da sua escrita: um barroquismo trabalhado em pedra primitiva e carregado de sinais sagrados e de heresias.

Uma tal pessoal maneira de contar denuncia uma sábia leitura dos clássicos, é evidente. Mas, atenção, trata-se duma leitura, ela também, filtrada por transparências de heresia e daí a sedução formal de **A Casa Grande de Romarigães.** Muito do seu clima literário provém dum certo 'eco de classicismo' que percorre toda a narrativa como uma ironia destinada a acentuar o primitivismo das personagens.

3. Num romance tão povoado de paixões elementares tudo, afinal, homens e bichos, verdades e alucinações, acaba por se conjugar num cântico perverso da harmonia rural. Com a sua dinastia de provincianos tempestuosos, a Casa Grande nasceu dos amores clandestinos dum abade e duma camponesa submissa — em pecado original, portanto. De geração em geração foi subsistindo, debatendo-se mas subsistindo, à custa de subserviências e de punições corruptas e de geração em geração, a Igreja doméstica conferiu-lhe as absolvições necessárias para a legitimiação do seu poder.

Três séculos foi o tempo da Casa Grande. E ao longo deste percurso correram sobre ela os ventos da maldição que devastavam Portugal. Chegavam-lhe de muito longe os clamores do Santo Ofício, mas apagados, inconsistentes; por entre o crepitar das fogueiras dos autos-de-fé circulavam notícias de naufrágios coloniais e anos depois ouviria passar por ela soldados em cavalgada a caminho de Espanha. Invasões, revoltas e guerras civis, tudo isso preencheu o país até à proclamação do liberalismo português. Mas aí, ponto final, a Casa Grande entrou em agonia.

O admirável, porém, é que todo tecido histórico em que assenta o romance não tem qualquer presença real na narração. Não é uma sucessão de referências da acção e do comportamento das personagens nem um enquadramento da paisagem social. Pressenti-mo-lo apenas como um eco de fundo, uma temperatura adversa que se adensa, ao correr da leitura e que toda ainda mais aquele pequeno mundo, concentrando-o na voracidade das suas paixões.

No final, sem quase nos apercebermos, reconhecemos que todo este historial provinciano também foi corroido pelos sinais implacáveis do universo em transformação. Mas é tarde. Desprovida de valores culturais, a Casa não tem sequer o recurso da lenda, do mito ou da tradição para poder iludir-se e resistir. Tudo é rude e imediato nela, todo o seu percurso foi aberto à mão cega e à aventura para acabar como acabou, deserta e afogada em ervas bravas como uma memória sem passado.

Foi, pois, essa memória que Aquilino Ribeiro desenterrou com o rasgo de génio de quem descobre a aventura e o segredo que pode ocultar-se entre quatro paredes esquecidas e entregues ao tempo selvagem. Levantou-a pedra a pedra, capítulo a capítulo, até a tornar exemplar porque, como ele disse um dia, «toda a obra de um escritor é uma marcha em direcção à luz». ■